

A jóia e o pedregulho

The jewel and the pebble

Lucas Eskinazi (SENAC)¹

Resumo: Ensaio criado a partir da conexão entre literatura, fotografia e reflexões sobre a vida. A partir de um breve texto em que conto os pensamentos cosmológicos de um amigo, procuro dialogar com essas ideias através de um conjunto de imagens realizados na prática contínua de fotografar pelas cidades. Tenho observado as árvores e suas expressões formais no contexto urbano e seria possível traçar uma continuidade em sua representação, através de diversas formas visuais, desse jeito, centralizada, protagonista da imagem.

Palavras-chave: fotografia; cidade; árvore; paisagem.

Abstract: *An essay developed from the intersection of literature, photography, and reflections on life. Beginning with a brief text in which I recount the cosmological thoughts of a friend, I seek to engage with these ideas through a set of images produced in the ongoing practice of photographing in the city. I have been observing trees and their formal expressions in the urban context, and it may be possible to trace a continuity in their representation across different visual forms, in this way centered, as the protagonists of the image.*

Keywords: *photography; city; tree; landscape.*

DOI: 10.47456/col.v16i27.52001



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Recebido em: 12 de março de 2026.

Publicado em: 26 de junho de 2026.

¹ Lucas Eskinazi é professor e artista. É doutor em poéticas visuais pela ECA-USP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8047241109458713>. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9868-4783>.

As palavras partiam de um amigo numa tarde de maio. Pediu para que não o levasse a sério, não eram coisas que dizia por aí, eram suas primeiras observações em busca de uma cosmologia. Se quisessem escutar essas ideias, deveriam ir ao Bar dos Cavalos, lugar onde costumava tomar uma sopa à noite. Tinha gente que ia lá ouvir, amigos seus e da sua tia que morava com ele. Quem duvida que seja, em palavras, a primeira vez que isso é registrado. Será? A entropia das ações o levou a identificar que fazia parte, em realidade, de sua pequena escatologia pessoal, os resíduos de beleza existentes na catástrofe. Posso me sentir à vontade para assumir que na catástrofe existem coisas belas? Não nos conhecemos há tanto tempo assim. Bem, vamos lá, você vai tomar nota mesmo? Ao invés de pensarmos nas coisas, suas formas e as ações, gostaria de inverter a ordem e entender que existem as ações, as formas e depois as coisas. Existe o movimento que, aos poucos, cria separações, pequenos filamentos, filos. Esse fluxo se repetirá, não importa se estamos falando de uma ideia ou de um objeto. Ele será a reentrância de um lago, as veias e artérias da nossa corrente sanguínea, os galhos de uma árvore, os braços de um rio ou de um humano, assim como os dedos são o prolongamento dos braços. Os fios de cabelo estão para a cabeça assim como as árvores estão para a terra. Os fogos de artifício participam dessa relação visual nuclear. Somos capazes de perceber de acordo com o tempo que temos. Aprendi isso em um filme em que as pedras conversavam. Da mesma forma, tenho duvidado cada vez mais das explicações dadas às semelhanças entre os seres e os espaços de convivência, o meio, a natureza, a partir de lógicas como a adaptabilidade. Existem casos em que ela aparece como uma boa hipótese, talvez os ratos e os pombos nas cidades. Todos cinza. Pode ser. Mas reduzir o mimetismo a adaptação, tentativa e erro, acaso. Será? Aquele que se aproxima e convive, torna-se parecido. O semelhante gera o semelhante, não é assim a lei? Eu não sei. Tenho tido tendência a acreditar em outras formas de conexão, algumas delas por ora insondáveis, criando movimentos de aproximação, de toque. É a

água que bebemos, o ar que respiramos, os sons e ventos que nos modelam e vão, aos poucos, desenhando o ambiente com tons, pigmentos, minerais de uma mesma paleta, sejam lagartos pálidos do deserto ou bichos-pau na Mata Atlântica. Estou um pouco envergonhado, vou parar por aqui. Se essas ideias fizerem sentido pra você, venha mais vezes a essa conversa. Pegue essa sua câmera e dê um passeio por aí, aproveite o tempo bom de maio.



I São Paulo, 35mm, 2025. Fotografia em preto e branco realizada à noite com flash, mostrando galhos e troncos de árvores entrelaçados em uma área arborizada. A iluminação frontal cria forte contraste com o fundo escuro.



II Calimera, 35mm, 2023. Fotografia em preto e branco de um tronco de árvore em primeiro plano. Ao fundo, parcialmente ocultos pelo tronco, aparecem cartazes e com a representação de uma figura humana, trata-se de um close de Vênus da pintura "Nascimento de Vênus" de Sandro Botticelli do século XV.



III Buenos Aires, 35mm, 2025. Fotografia colorida em díptico de uma paisagem urbana. Em primeiro plano, troncos de árvores alinhados à calçada. Ao fundo, um longo tapume ou parede coberta por camadas sobrepostas de cartazes rasgados e anúncios parcialmente visíveis com palavras em espanhol. Folhas secas espalham-se pelo chão.



IV Buenos Aires, 35mm, 2025. Díptico fotográfico colorido de uma rua urbana. Em frente a um edifício, uma árvore ocupa o centro da composição, cercada por bicicletas e motocicletas estacionadas junto à calçada.



V São Paulo, 35mm, 2025. Fotografia colorida de uma rua arborizada. No centro da imagem, um ipê-rosa projeta sua copa sobre a via, cercada por edifícios, automóveis e fiação elétrica.



VI São Paulo, 35mm, 2024. Díptico fotográfico colorido de um muro coberto por inscrições, grafites e cartazes deteriorados. Uma pequena árvore aparece junto à calçada, em contraste com a superfície marcada por intervenções humanas.



VII São Paulo, 35mm, 2025. Tríptico fotográfico em preto e branco. As imagens apresentam paredes, calçadas e jardins, incluindo uma palmeira centralizada na terceira imagem e outras formas de vegetação junto a edificações com a pintura gasta e encobertas por musgos.



VIII Buenos Aires, 35mm, 2025. Fotografia levemente tremida em preto e branco de uma rua à noite. Uma árvore aparece na calçada, centralizada, diante de uma parede lisa. Ao lado, há um poste de iluminação pública.



IX São Pedro da Aldeia, 35mm. 2024. Fotografia colorida de uma paisagem à beira d'água. Em primeiro plano, uma árvore sem folhas e com um automóvel estacionado. Ao fundo, uma lagoa e cadeia de morros sob céu nublado.



X Arraial do Cabo, 35mm, 2024. Díptico fotográfico de uma área de dunas e vegetação rasteira. Uma árvore sem folhas ocupa o centro da composição, enquanto duas crianças passam.



XI São Paulo, digital, 2014. Fotografia colorida de um ipê-rosa florido registrada à noite. As flores claras e os galhos são iluminados por um golpe de flash, contrastando com o fundo escuro, tornando a vegetação o elemento central da imagem.



XII São Paulo, 35mm, 2022. Fotografia colorida de uma área arborizada. Em primeiro plano, a folhagem desfocada de um ipê-amarelo ocupa o centro da imagem. Ao fundo, árvores, gramado e uma via pavimentada permanecem em foco. Fotografia predominantemente verde e amarela.